

ANONYMOUS E OS PROCESSOS DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA PELA INTERNET

Georgius Cardoso Esswein¹
Nadir Lara Junior²

RESUMO

Este trabalho visa explicar e demonstrar a importância política do Anonymous brasileiro, marcando assim uma nova perspectiva de ativismo e militância política que se articula através da internet. Neste sentido, vamos analisar as articulações do Anonymous entre os meses de janeiro a junho de 2013, através de uma análise de conteúdo de todas as suas publicações feitas em três de suas páginas na internet. Os resultados convergem para duas categorias de articulações: disseminações de informações através das redes sociais com informações e formações e ações cibernéticas que pretendem dar visibilidade a temáticas, enquanto forma de ativismo político.

Palavras-chaves: Hackerativismo, netativismo, cibercultura, política.

ABSTRACT

This paper aims to explain and demonstrate the political importance of the Brazilian Anonymous, pointing a new perspective of activism and political activism that is articulated through the internet. In this sense, we going to analyze anonymous joints between the months January to June 2013, through a content analysis of all their publications in three of its websites. The results converge to two categories of joints: disseminations of information through social networks with information and training and cyber actions intended to give visibility to issues as a form of political activism.

Keywords: Hackerativism, netativism, cyberculture, politics.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa explicar e demonstrar a importância política do Anonymous brasileiro, marcando assim uma nova perspectiva de ativismo e militância política que se articula através da internet. Veremos como eles se organizaram politicamente entre os meses de janeiro a julho de 2013, durante a onda de manifestações que começaram em Porto Alegre em protesto contra o aumento das passagens do transporte público e rapidamente se estenderam por várias cidades brasileiras.

Os atuais movimentos e manifestações revelam mudanças nos processos de mobilização social. Neste sentido, a informação parece ter um papel central na articulação dos movimentos de resistência, organização dos manifestantes e apoio para grupos em confronto político. Sendo assim, a Internet vem sendo utilizada como um espaço aberto

¹ Acadêmico de Psicologia/UNISINOS - Bolsista PRATIC/UNISINOS

² Professor do curso de Pós-Graduação em Ciência Sociais/UNISINOS

para discussões, formulações de reivindicações e articulações coletivas, tendo em vista a troca de informações em tempo real. Mais do que uma ferramenta, ela vem se mostrando enquanto campo de atuação político e constituição de identidades coletivas, ou seja, superando as noções antropocêntricas e distinção entre emissor e receptor do processo comunicativo do homem com a tecnologia (FELICE, 2012).

Com esta nova dinâmica de funcionamento dos sujeitos contemporâneos, a literatura passa a nomear um novo tipo de confronto, para além do corpo físico, mas que ocorre em espaço cibernético como a ciberguerra (FERNANDES, 2012). Nesse sentido, as ações diretas e práticas sociais nessa “nova cultura” se fundam também neste padrão de comunicação, ampliando assim o conceito de “ativismo”, decorrendo em outro tipo de participação nos movimentos sociais, agora baseado na construção de redes de informação.

O ciberativismo, conceito originado nos anos 90, é um tipo de ativismo midiático que fundamenta as novas tecnologias da informação como instrumentos para operacionalização e organização de movimentos, dando suporte á movimentos globais e locais. Por outro lado, a ideia de netativismo surge mais tarde, sob a ótica não mais de um ativismo na rede, mas em rede, ou seja, há um reconhecimento de que as características do ativismo operacionalizado pela internet influenciaram no próprio funcionamento do movimento. (FELICE, 2012) Este tipo de ativismo é advindo das condições que a Web 2.0 nos coloca, pois essa possibilita a criação de redes e compartilhamento de conhecimento através de plataformas colaborativas em alta velocidade. Nessa lógica a internet não é encarada somente como um canal, mas sim como um espaço envolvente (HALMANN, 2009; FELICE, 2012; LEVY, 2010).

A importância deste tipo de estudo se dá na medida em que parece haver uma tendência na utilização da Internet enquanto ferramenta de disseminação de informação e organização política dos movimentos sociais e como campo de atuação dos militantes como pudemos presenciar nos últimos anos em diversos países, especialmente no Brasil. Partimos do conceito de movimentos sociais como ações de um coletivo, que se identifica por um compartilhamento de valores e práticas políticas que resultam em confrontos para fins reivindicatórios (TARROW, 1994; LARA JUNIOR, 2003). Neste sentido, as redes sociais virtuais permitem comunicação direta em tempo real, baseando-se na interação entre redes, que emergem como dispositivo para este novo tipo de confronto social e político.

O QUE É ANONYMOUS?

Quando a internet passou a se popularizar no mundo, a partir da segunda década de 1990, ela passou a ser uma grande rede de troca de informações. Nesta perspectiva surgem no Japão, e logo após nos Estados Unidos, sites de chat e bate-papos temáticos, nos quais foi possível trocar mensagens e imagens a respeito de determinado tema, conhecidos como *imageboards*.

Uma das particularidades dos *imageboards* é o fato de que os usuários têm a opção de colocar seu nome em suas postagens ou não. Quando este campo é deixado em aberto, o site automaticamente preenche com o *nickname*, o nome ou apelido virtual ‘Anonymous’, ou seja, um anônimo. Desta forma, como também se organiza a cibercultura, se estabeleceu esta prática, que passou a fazer parte da cultura do grupo de pessoas que utilizava estas páginas. Em tom jocoso entre os usuários, era como se todas as postagens fossem feitas pela mesma pessoa ou entidade- o Anonymous (LANDERS, 2008).

Destacamos que já em 1994 havia um movimento chamado Luther Blisset Project (LBP) (<<http://www.lutherblissett.net>>). O objetivo deste coletivo era travar conflitos com a indústria cultural e da informação. Tinham como ações implantações de notícias falsas, apontando fragilidades das mídias tradicionais e “dar voz” às vítimas de censura e opressão. Luther Blisset, enquanto entidade cometeu um *seppuku* simbólico (ritual de suicídio samurai) em dezembro de 1999, isto é desapareceram das redes das redes sociais. É possível pensar que o Anonymous sofreu influência de grupos já pré-existentes, como LBP, no entanto, não é possível afirmar com segurança, pois não há registros seguros para isso. Sendo assim, esta relação ganha o caráter de hipótese.

No ano de 2006 o Anonymous passou a ser uma organização articulada que se posicionava e agia em determinados objetivos, como por exemplo, na identificação de pedófilos. Diante disso, surge um ideário de que assim poderiam combater o que consideravam de “errado” na sociedade. Em 2008 o Anonymous passa a tomar proporções mais globais, na medida em que se posicionam contra a cientologia³, uma seita que pregava que todos os seres humanos são seres imortais, mas que se esqueceram de sua natureza. A partir de então, o Anonymous passou a assumir causas mundiais e locais, pois a rede permitia todo tipo de articulação entre os usuários. Nesta época, o Anonymous já havia saído dos *imageboards* e já estava em muitas páginas de redes sociais com símbolos de identificação, como por exemplo, sua máscara (LANDERS, 2008). E em 2012 já estavam no *ranking* de “100 mais influentes” da revista Time (TIME, 2012).

É difícil dizer precisamente quando a máscara foi adotada pelo grupo, mas sabe-se que ela foi inspirada naquela utilizada pela “personagem V”, da história em quadrinhos (HQ) ‘V for Vendetta’, produzida por Alan Moore e David Lloyd entre os anos de 1988 e 1989 pela editora *Graphic Novel* (1990). A trama se passa em um contexto futurista, como uma crítica a regimes autoritários e ditatoriais, fazendo alusão ao fascismo e nazismo. O HQ foi escrito em um contexto histórico onde estava sendo implantado na Inglaterra o neoliberalismo pela primeira ministra Margaret Thatcher, isso faz com que Allan Moore veja com pessimismo a introdução deste sistema na sociedade. Moore destaca também o papel opressor do governo conservador da época em que escreveu sua obra, relatando a violência utilizada por soldados de tropa de choque a possíveis erradicações de minorias.

A estória mostra uma população sob rigoroso monitoramento, abrindo mão de sua liberdade em favor de sua própria segurança. Contexto parecido com o da obra “1984” de

³ A cientologia dissemina uma compreensão de ser humano enquanto ser espiritual imortal com capacidades ilimitadas. Afirma ter como objetivo a iluminação e liberdade espiritual (Scientology, 2014)

George Orwell. Seu protagonista, reconhecido como terrorista, chama-se “V” e tem por objetivo explodir o parlamento Inglês de forma que traz este ato simbólico como a derrota do regime totalitário. O anti-herói procura se vingar do sistema, responsabilizado por destruir a família da personagem e transforma-lo em um ser completamente deformado, destinado a viver na solidão por conta de uma experiência forçada e malsucedida. A instituição onde estas experiências eram feitas é possível de ser comparada aos campos de concentração nazistas. Posteriormente, no ano de 2005, a estória foi adaptada ao cinema, mantendo o tom político e erudito do autor (GUIMARÃES, 2011).

A máscara da personagem também faz alusão a Guy Fawkes, um soldado católico especialista em explosivos, responsável em guardar e posicionar os barris que explodiriam o parlamento inglês. Este evento ficou conhecido como “Conspiração da Pólvora”, e tinha como objetivo assassinar o rei protestante da Inglaterra Jaime I, e todos os membros do parlamento. A conspiração teria por motivação a discriminação aos católicos, que não tinham os mesmos direitos que os protestantes. Porém, a tentativa de explosão fracassou e Guy Fawkes foi acusado de traição, torturado e morto (GUIMARÃES, 2011).

Assim como ‘V’, o Anonymous acredita na construção de uma sociedade que considera mais justa a partir da conscientização da população. Se autodefinem, assim como a personagem, enquanto uma ideia que não pode ser detida. Afirmam atuar principalmente pela causa da livre circulação de informação pela Internet (ANONYMOUS, 2013).

RELAÇÃO HACKER

O Anonymous, por muitas vezes, é denominado como um grupo de hackers por diversas emissoras e canais de comunicação.

Segundo Pekka Himanen (2001), o termo hacker foi criado em 1960 por um grupo de estudantes do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) para se autodenominarem como programadores entusiasmados com seu trabalho e que compartilhavam seu conhecimento técnico e científico e faziam isso como uma crítica á análise da ética do trabalho industrial descrito por Max Weber (2006). Esses estudantes trazem um novo sentido e valores para os trabalhos da Era da Informação.

Esta forma de trabalhar com compartilhamento de ideias e informações está ligada ao conceito de hacker, podendo então, não estar relacionado a um profissional da informática, mas sim a um profissional que trabalha não na lógica protestante de trabalho e tempo, mas na lógica de compartilhamento de seu trabalho que está ligado a um desenvolvimento social e não somente econômico. Neste sentido, é incorreto utilizar e associar este termo com atos considerados criminosos ou terroristas. Podemos pensar que o argumento pejorativo não seja apenas desinformação, mas se relaciona a algo ideológico, porque os interesses do Anonymous são opostos aos do Estado ou dos meios de comunicação de massa.

O Anonymous se auto-intitula como um grupo de hackerativistas. Este conceito foi utilizado pela primeira vez em 1996 na troca de e-mails entre o coletivo “The Cult of the dead cow” (<http://www.cultdeadcow.com/>), relacionado a ferramentas para que ativistas

pudessem se comunicar entre países com segurança e livre de espionagens (BARROS, 2013). Já em 1997 o grupo Electronic Disturbance Theater, um grupo de ativistas políticos e artistas envolvidos no desenvolvimento teórico-prático do que denominam “desobediência civil eletrônica” se destacou em dar visibilidade para o movimento Zapatista; aos acontecimentos políticos no México e à opressão que os povos indígenas da região das Chiapas sofriam (WRAY, 1998).

Sendo assim, o Anonymus parte da mesma lógica hacker e hackerativista: compartilhamento de informação dando voz às causas que a mídia tradicional oculta. Porém, a crítica que recebem é de que por vezes, este compartilhamento de informação e de ativismo é decorrente de formas transgressoras de agir. Esta é uma questão importante, pois foge aos princípios convencionais de regulação do Estado, pois esse não consegue ainda infringir controle para dentro de suas fronteiras, justamente porque a lógica da Internet, o cyberspaço, constitui uma extraterritorialidade (MACHADO, 2007).

CONTEXTUALIZAÇÃO

Segundo Safatle (2013), se quisermos entender as manifestações de junho de 2013 no Brasil, precisamos voltar para os acontecimentos na Amazônia, no ano de 2011. Segundo o filósofo, foi lá no canteiro de obra de Jirau que começaram as grandes manifestações do subproletariado no Brasil. Devido suas degradantes condições de trabalho e falta de representatividade política. Eles atearam fogo em ônibus e alojamentos, rompendo com a lógica de que o subproletariado preza pela segurança e ordem, diante de sua exploração. Para Safatle (2013), esta foi a primeira de muitas manifestações que seguiram, culminando em junho de 2013, onde conseguiu-se unir os interesses do subproletariado e da classe média: um processo de ascensão social apoiado por um Estado incapaz de oferecer serviços públicos de qualidade.

A justificativa para as manifestações de 2013 apoiou-se no aumento da tarifa das passagens de ônibus. Esta reivindicação foi na verdade, a forma de desnudar a irracionalidade de uma configuração de Estado, um disparador para o questionamento de “a serviço de quem está o transporte público?” (SAFATLE, 2013). Tudo começa em Porto Alegre com a organização de atos públicos que foram se espalhando pelo país, até tomar proporções nacionais. Porém, no núcleo de reivindicações e debates, a falta de representatividade, assim como para os manifestantes do canteiro de obra de Jirau, era um dos principais focos de discussão.

Neste sentido, assemelham-se os protestos do Brasil com os demais que aconteciam pelo mundo, como os do Egito, dos Indignados da Espanha e como ocorria simultaneamente na Turquia (BELUZZO, 2013; SAFATLE, 2013). A reivindicação era de uma democracia real, não mais uma democracia representativa, parlamentar liberal, já que nada parecia ser realmente representativo, fundamentado em um desejo de participação, atrelado também no enfraquecimento de potências.

Esta crise de representatividade não é local, ela é global (SAFATLE, 2013), o que justifica a proximidade dos eventos. Outro ponto importante, que começa a diferenciar

esta nova configuração é a falta de representatividade por parte da imprensa, resultando em atos de hostilidade contra ela, que tem seus carros virados e equipamentos quebrados em algumas manifestações, como forma de expressão do rompimento da ideia de que a imprensa poderia representar a população.

Outra semelhança entre estes eventos que aconteciam em vários lugares do mundo estava na possibilidade de comunicação e articulação através de páginas da web, que pode ser interpretado como ferramenta que possibilitou tamanha repercussão (AMADEU, 2013), ou como dispositivo que originou transformações dos movimentos sociais, como propõe o conceito de netativismo (FELICE, 2012)

Porto Alegre foi primeira cidade do ano de 2013 a ter um protesto relativo ao aumento da passagem em 2013. O primeiro ato foi no dia 25 de março, com a pauta da elevação da passagem para R\$3,05 (<<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/porto-alegre-tera-novo-protesto-por-valor-da-passagem-nesta-quinta.html>>). A partir de então, os atos passaram a ganhar cada vez mais adeptos e a ideia de mobilização pelo aumento da tarifa do transporte público passou a se disseminar, ocorrendo também mobilizações em diversos outros Estados. A partir de então as pautas passaram a ser as mais variadas, convergindo numa luta por direitos e qualidade nos serviços públicos. Nesse cenário então, embora sem lideranças, alguns grupos se salientam nas articulações políticas das manifestações, assim como o Anonymous.

PROCESSO METODOLÓGICO

Para tal, como estudo preliminar, se buscou compreender a história do Anonymous no mundo e no Brasil através de uma análise de documentos na Internet (FLICK, 2004). Este método foi utilizado pela justificativa do ineditismo desta forma de militância política no Brasil e pela escassez de material científico e histórico na literatura acadêmica, sobretudo sobre o Anonymous. Os documentos foram selecionados através da plataforma de busca Google®. Buscou-se alguns blogs que noticiavam o surgimento do Anonymous e seu desenvolvimento, bem como os arquivos de um site <anonymousbrasil.com.br> e como contextualizam o surgimento deste grupo. O critério para análises das páginas foram seus conteúdos em potencial para exploração da temática. É importante destacar a hipertextualidade envolvida neste percurso, que é a forma como as informações na internet estão dispostas, de natureza flexível, descentralizada não-linear (D'ANDREA,2006), de forma que uma página direciona para outra, em um mesmo ou outro domínio.

A partir de então, realizamos uma análise de conteúdo de algumas páginas do Anonymous, segundo as definições de Bardin (1979). Foram escolhidas duas páginas que se autodefinem como Anonymous: duas páginas do *Facebook*, AnonymousBrasil (causa) e Anonymous Brasil (comunidade); além de um dos *sites* 'anonymousbrasil.com.br'. O critério para a escolha destas páginas para a análise se deu pela abrangência e conteúdo dirigido á população brasileira, levando em consideração que nosso objetivo inclui justamente como se constitui a articulação do Anonymous no Brasil.

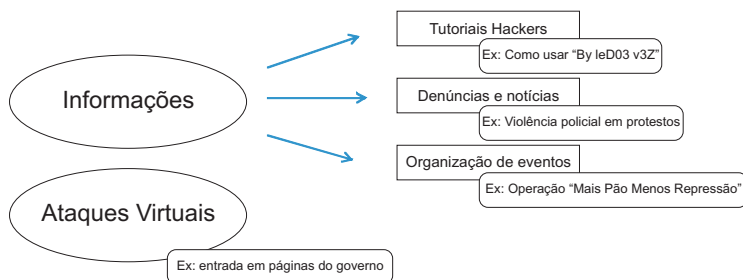
Foram analisadas as postagens entre os meses de janeiro a junho de 2013, época em que culminaram os protestos pelo Brasil. A partir disto, foram criadas subcategorias de análise que fossem significativas e representativas as unidades de sentido.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Pela análise do conteúdo das páginas foi possível identificar duas formas de atuação distintas realizadas pelo Anonymous, conforme a Figura 1: A disseminação de informações através do site e de suas páginas, que foram categorizadas em **organizações de eventos**, com detalhes de manifestações que pudessem ocorrer nas ruas ou em plano virtual-cibernético, como por exemplo, os protestos ocorridos em junho de 2013, operação ‘MaisPãoMenosRepressão’ e a operação ‘Rede Globo’; **denúncias ou notícias**, com o intuito de tornar público fatos que pudessem favorecer o movimento ou denunciar práticas que sejam contra o ideal de liberdade do movimento ou que fossem denúncia da opressão do Estado, como por exemplo, denúncias de incriminação de ativistas e violência policial; e **tutoriais para atividades hackers**, a fim de formar ativistas com conhecimentos avançados de informática e programação. Tendo em vista que este é um grupo que exerce sua militância de forma ativa na *Internet*, o conhecimento em programação é essencial para os protestos e ações na rede. Entre estes treinamentos estão o de “invasão a sites”, programação, como garantir seu anonimato na rede entre outros.

A segunda forma de atuação reconhecida a partir do agrupamento das informações coletadas são os **ataques virtuais**. Nesta categoria se incluem todas as ações diretas realizadas pelo Anonymous a fim de atingir seu objetivo: dar voz a causas e movimentos sem visibilidade, divulgando informações e conhecimentos de forma livre, como a entrada em *sites* de empresas privadas, como a FIFA, durante a Copa das Confederações, ou de órgãos do governo, como a página da Secretaria de Educação. Outras ações como se apropriar de informações de civis da receita federal e torna-las disponíveis. Esta era também uma forma de mostrar o quanto o sistema de segurança era frágil e sujeito a ataques.

Figura 1: Categorias de hackerativismo do Anonymous.



O *Facebook* se mostrou uma ferramenta de fácil acesso, até mesmo para adesão de outros usuários ao Anonymous. Diferentemente das imageboards, para esta plataforma é necessário a construção de um perfil para participar das discussões e acessar às informações disponíveis. Outra diferença em relação as primeiras, é que as páginas necessitam de administradores e moderadores. Porém esta plataforma permite maior divulgação entre os usuários o que possibilita maior visibilidade e atuação.

Em um artigo publicado pela empresa de comunicação digital Interagentes (2013), especializada em monitoramento, articulações de redes e ações de intervenção, apresentam um mapa de redes de como ocorreram as postagens no *Facebook*, fazendo a relação entre citações e dia de publicação, entre os dias 05 e 14 de junho, especialmente na cidade de São Paulo. As buscas das citações públicas contemplavam os termos ‘tarifa’, ‘Haddad’, ‘Alckmin’ e uma combinação de termos sobre as manifestações.

Os picos de publicação para o termo ‘Passe Livre’, foi o de maior propagação, tendo seus picos no dia 13/06, com mais de 7.000 publicações e o dia 14/06, também com mais de 7.000 publicações. Segundo o mapeamento, por meio de uma análise qualitativa realizada conferiram que 62% das postagens no dia 13/06 eram positivas em relação às manifestações, tendo 25% como temática de apoio ao movimento, seguindo de denúncias da violência policial, com 19% das postagens.

O estudo também destaca a baixa média de postagens por perfil, o que indica um padrão de cobertura viral da temática, abrangendo grande parte da população. Por meio de um grafo de uma rede que as publicações mais comentadas entre os dias 13 e 14 estavam relacionadas ao Anonymous, ou seja, havia um grande debate público através das páginas do Anonymous no momento das manifestações. A página do Passe Livre São Paulo aparecia em 5ª posição, o que para o grupo de pesquisadores era sinal de uma liderança distribuída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vários meios de comunicação tradicionais é possível observar a marcação “terrorismo” a grupos de ciberativismo (PONTUAL, 2010; VANGUARDIA, 2012). Porém, devemos nos voltar ao conceito terrorismo para podermos entender esta associação um pouco melhor. Segundo o dicionário político organizado por Bobbio (1986), o conceito de terrorismo está associado a um instrumento ao qual um grupo recorre para derrubar um governo, que se mantém através do terror.

Esta marcação se dá, aparentemente também, na tentativa de impossibilitar a identificação da população com estes grupos, tendo em vista o impacto e significado leigo muitas vezes atribuído a este conceito. Uma marcação encontrada no discurso de Anonymous, reforçada por vários textos coletados das postagens, é a marcação da vingança. Isto retorna no símbolo máscara de Guy Fawkes, na história baseada na vingança contra um estado totalitário, que baseia suas práticas no terror. Como por exemplo, o caso de um comandante: oficial da PM, da tropa de choque que, quando questionado o

motivo de ter jogado gás lacrimogêneo em manifestantes, ele responde que fez porque quis (MORAIS, Raquel, 2013).

Neste sentido, Anonymous se assemelha a “V”, das histórias em quadrinho. A lógica hacker (HIMANEN, 2001), que afronta a lógica protestante de trabalho, que sustenta o discurso capitalista (WICKERT, 1999) é como os artificios utilizados por “V” na história fictícia no intuito de buscar a identificação da população para com ele.

Percebemos que para Anonymous, a “vingança” é vista como o fazer, uma ação coletiva anônima, ou seja, são expressões de uma população independente de identidades individuais – um (anonymous) é o todo e o todo é o um. Como exemplo, podemos citar as práticas identificadas como os “ataques virtuais”, que poderiam partir de qualquer Anonymous. Ressalta-se o caráter global desta dimensão na medida em que Anonymous se configura enquanto uma identidade compartilhada global (HALL, 2006).

Neste sentido, buscam formar um símbolo na prática hacker que seja representativo para a população. Este é o ponto nodal do movimento, ou seja, a confluência de demandas que permite uma unificação simbólica, “um nós antagônico a um eles” (PRADO, 2011). Então, para o contexto que é descrito como uma crise de representatividade, justamente a falta da identidade, ou seja, o anonimato passa a ser a própria identidade.

Por fim, pensamos que os resultados das análises da pesquisa de documentos na internet sugerem que Anonymous tem participação ativa nas manifestações do ano passado que ocorreram no país. Foram identificadas diferentes formas de articulação política, como a organização das manifestações presenciais, divulgação de informações sobre o cenário político atual, como atos ou manifestações virtuais que contribuem para a causa.

REFERÊNCIAS

AMADEU, Sérgio. Zerovinte: entrevista. **Carta Capital**, 26 agosto 2013. Disponível AMADEU, Sérgio. Zerovinte: entrevista. **Carta Capital**, 26 agosto 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/cartacapital-lanca-documentario-sobre-os-protestos-de-2013-6118.html>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

ANONYMOUS. Quem Somos? **Anonymousbrasil**. Disponível em: <<http://www.anonymousbrasil.com/sobre-anonymous>>. Acesso em: 21 set. 2013.

ANONYMOUS es declarado como grupo terrorista por el FBI. **VANGUARDIA**, 02 abril 2012. Disponível em: <<http://www.vanguardia.com.mx/anonymousesdeclaradocomogrupo-terroristaporel-fbi-1255683.html>>. Acesso em: 21 dez. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, Laura. **Anonymousbrasil**, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.anonymousbrasil.com/coluna/o-hacktivismo-no-desenvolvimento-da-internet>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

BELUZZO, Luiz Gonzaga. Zerovinte: entrevista. **Carta Capital**, 26 agosto 2013.

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/cartacapital-lanca-documentario-sobre-os-protestos-de-2013-6118.html>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BLISSETT, Luther. Who is Luther Blisset? **Site Luther Blisset**. Disponível em: <<http://www.lutherblissett.net>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de política. 1986.

CARTOGRAFIA de redes: um mapeamento das manifestações de 13 de junho. Interagentes: Comunicação Digital e Ações em Rede, 22 jun. 2013. Disponível em: <<http://interagentes.net/?p=76>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

D'ANDRÉA, Carlos. Estratégias de produção e organização de informações na web: conceitos para a análise de documentos na internet. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 39-44, 2006.

DI FELICE, Massimo. Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais. **Revista FAMECOS-Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 19, n. 1, 2012.

FERNANDES, José Pedro Teixeira. A ciberguerra como nova dimensão dos conflitos do século xxi. **Relações Internacionais (R: I)**, n. 33, p. 53-69, 2012.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. Reflexões sobre a adaptação como fenômeno ubíquo: o filme V de Vingança. **Intercom**, v. 34, n. 1, p. 189-211, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

HALMANN, Adriane Lizbehd; ARGOLLO, Rita Virginia; ARAGÃO, Gêssica de Oliveira. Planeta Web 2.0: Inteligencia colectiva o medios fast food. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 688-693, 2009.

HIMANEN, Pekka. **The Hacker Ethic and the Spirit of Capitalism**. 2001.

LANDERS, Chirs. Anonymous Takes On Scientology (and Doesn't Afraid of Anything). **City Paper**, abr. 2008. Disponível em: <<http://www2.citypaper.com/columns/story.asp?id=15543>> Acesso em: 10 set. 2013.

LARA JUNIOR, Nadir; PRADO, M. A. M. A Mística e a Construção da Identidade Política entre os Participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil: um enfoque psicossociológico. **Revista Electrónica de Psicología Política**, San Luis, v. 1, n. 4, 2003.

PIERRE LEVY. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MACHADO, Jorge Alberto S. et al. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, v. 9, n. 18, p. 248-285, 2007.

MOORE, Alan; LLOYD, David. **V de Vingança**. São Paulo: DC Comics, 1990.

MORAIS, Raquel. ‘Porque eu quis’, diz PM questionado por jogar gás em jovens no DF. **G1**, Brasília, 8 set. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/09/porque-eu-quis-diz-pm-questionado-por-jogar-gas-em-jovens-no-df-veja.html>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

O que é scientology. **Scientology**, 2014. Disponível em: <<http://www.scientology.pt/what-is-scientology.html>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

PONTUAL, Jorge. União de hackers para vingar WikiLeaks aumenta poder de ataques. **G1**, Nova York, 10 dez. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2010/12/uniao-de-hackers-para-vingar-wikileaks-aumenta-poder-de-ataques.html>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

PORTO Alegre terá novo protesto por valor da passagem nesta quinta. **G1**, Porto Alegre, 4 abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/porto-alegre-tera-novo-protesto-por-valor-da-passagem-nesta-quinta.html>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; COSTA, Frederico Alves. Estratégia de articulação e estratégia de aliança: possibilidades para a luta política. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 3, p. 685-720, 2011.

SAFATLE, Vladimir. Zerovinte: entrevista. **Carta Capital**, 26 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/cartacapital-lanca-documentario-sobre-os-protestos-de-2013-6118.html>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SAFATLE, Vladimir. Onde tudo começou. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 julho 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2013/07/1311560-onde-tudo-comecou.shtml>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

TARROW, Sidney; TOLLEFSON. **Power in movement: Social movements, collective action and politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

THE World’s 100 Most Influential People: 2012. **Times**, 2012. Disponível em: <<http://content.time.com/time/specials/packages/completelist/0,29569,2111975,00.html>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Santiago de Compostela : Univ. Santiago de Compostela, 2006.

WICKERT, Luciana Fim. O adoecer psíquico do desempregado. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 19, n. 1, p. 66-75, 1999.

WRAY, Stefan. The Electronic Disturbance Theater and Electronic Civil Disobedience. **Electronic Civil Disobedience**, 17 jun. 1998. Disponível em: <<http://www.thing.net/~rdom/ecd/EDTECD.html>>. Acesso em: 09 abr. 2014.